



PONTO DE PARTIDA, de Gianfrancesco Guarnieri: Dôdo e o Arquétipo do Louco no Tarô

Aline Medeiros de Almeida¹

“Do toque do Louco ninguém se recupera. E quem haveria de querer recuperar-se!”
(NICHOLS, 2007)

Resumo

Desde os textos Homéricos os gregos investigam os aspectos da loucura. A loucura sempre foi objeto de estudo para muitas áreas. Uma jornada que passa pelos textos trágicos, pela filosofia e medicina. À luz das teorias de Carl G. Jung e Sallie Nichols, analisamos a personagem Dôdo, considerada “louca”, na peça *Ponto de Partida* (1976) escrita por Gianfrancesco Guarnieri, direção de Fernando Peixoto. Tentaremos compreender a relação da personagem com os aspectos trazidos por essa figura intrigante e fascinante, o Arcano do Louco, que perambula livremente entre nosso consciente e inconsciente.

Palavras-chave: Arquétipo. Tarô. Louco. Dôdo.

¹ Graduanda em Teatro – Licenciatura pela Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

“E como ponto de partida”

Para compreendermos o pano de fundo que nos dará base para analisar a personagem, Dôdo, da peça *Ponto de partida* (1976), escrita por Gianfrancesco Guarnieri, é necessário que se entenda como chegamos a esse recorte tão específico que podemos chamar de Arquétipo do Louco. Antes de mais nada, precisamos entender o que é arquétipo e como essa imagem-raiz - outro termo que podemos aplicar ao conceito de arquétipo - influencia nosso inconsciente.

Carl Gustav Jung, 1875-1961, foi um psiquiatra e psicoterapeuta suíço que fundou a Psicologia Analítica. Jung propôs e desenvolveu conceitos como personalidade extrovertida e introvertida, inconsciente coletivo e arquétipo. Utilizaremos esse último como base para nossa análise. E é a partir desse momento que iniciaremos nossa jornada para uma breve compreensão do conceito de inconsciente coletivo e dos arquétipos.

Jung percebeu que existem um conjunto de imagens e comportamentos que foram herdados ao longo da história da evolução e do desenvolvimento humano, e que têm grande influência sobre o inconsciente dos indivíduos. Essas imagens, que também podem ser chamadas de imagens primordiais, padrões de comportamento e imagens-raízes, como já foi utilizado acima, possuem caráter universal. Além disso, essas influências eram separadas do inconsciente individual do sujeito e a elas atribuiu-se o termo inconsciente coletivo, o qual hoje é estudado como uma parte componente de nossa psique humana.

O inconsciente coletivo é uma parte da psique que pode distinguir-se de um inconsciente pessoal pelo fato de que não deve sua existência à experiência pessoal, não sendo portanto uma aquisição pessoal. Enquanto o inconsciente pessoal é constituído essencialmente de conteúdos que já foram conscientes e no entanto desapareceram da consciência por terem sido esquecidos ou reprimidos, os conteúdos do inconsciente coletivo nunca estiveram na consciência e portanto não foram adquiridos individualmente, mas devem sua existência apenas à hereditariedade. Enquanto o inconsciente pessoal consiste em sua maior parte de complexos, o conteúdo do inconsciente coletivo é constituído essencialmente de arquétipos*. (JUNG, 2000, p. 51)

São chamadas de arquétipos as tendências que temos para responder a determinadas circunstâncias de maneiras específicas. Assim é porque ao longo da nossa evolução compartilhamos memórias comuns dessas experiências, o que as concede um caráter de universalidade. Essas informações foram passando de geração em geração

através do tempo e acabaram ficando impressas em nossa psique. Tais tendências podem ser expressas de maneira espontânea ou quando estamos sob forte pressão.

Antes, contudo, de Jung chegar ao termo “arquétipo”, o estudo mitológico identificou esses padrões como “motivos” ou “temas”; a psicologia primitiva identificou-os como “*représentations collectives*”; o campo das religiões comparadas identificaram-nos como "categorias da imaginação"; e “Adolf Bastian designou-as bem antes como "pensamentos elementares" ou "primordiais". (JUNG, 2000, p. 51). Alguns dos primeiros arquétipos identificados por Jung foram os arquétipos de Anima, Animus, Sombra, Velho Sábio e Persona. Além desses, também podemos citar os arquétipos Materno, do Herói, de Deus, entre outros, pois a quantidade de arquétipos existentes é equivalente ao número de experiências comuns compartilhadas ao longo do tempo como afirma Jung “Há tantos arquétipos quantas situações típicas na vida. Intermináveis repetições imprimiram essas experiências na constituição psíquica...” (JUNG, 2000, p. 56).

Sob o olhar da psicologia analítica, Sallie Nichols em sua obra *Jung e o Tarô - Uma jornada arquetípica* (2007), faz um estudo minucioso das figuras do Tarô e amplia as possibilidades de compreensão da condição humana. Isso acontece porque as figuras do Tarô carregam aspectos arquetípicos e, assim sendo, provocam o nosso inconsciente. A origem do Tarô é desconhecida, pouco se sabe, com certeza, sobre o seu surgimento, mas o importante aqui é entender o contexto em que o Tarô estava sendo utilizado e disseminado de maneira significativa. Se viajarmos seis séculos no passado da Europa Central, poderemos ver um tempo onde as pessoas ainda conservavam a ideia e compreensão do misterioso e do irracional. Havia uma forte ligação e atração com relação a esses temas, como na utilização dos Arcanos para a cartomancia que é uma prática oracular. Cada um desses Arcanos, como também são chamadas as figuras do Tarô, carrega em si uma complexidade e riqueza simbólica, mistérios e entendimentos dignos da infinidade de possibilidades que contém o nosso inconsciente.

Com o passar dos séculos, toda essa sabedoria vai se perdendo em decorrência do culto à racionalidade excessiva que a humanidade vai adquirindo. Uma trágica consequência dessa aquisição é o distanciamento do homem da capacidade de entendimento da linguagem simbólica, que é a linguagem pela qual nos comunicamos com o inconsciente. A partir desse fato, que podemos considerar como uma grande ruptura em termos psicológicos, podemos identificar vários fenômenos dramáticos, até

mesmo trágicos, vivenciados pelas sociedades. Afinal, quando falamos de arquétipos, estamos falando de comportamentos universais, ou seja, sociais, que através do coletivo afetam o individual, podendo gerar neuroses. Nesse sentido, Jung (2000) afirma que considera um “atrevimento perigoso”, o da psicologia personalística, que nega as influências arquetípicas, reduzindo tudo a causas pessoais. Ele afirma ainda que as neuroses podem, também, ter origem em uma incompatibilidade geral e que podem afetar um número considerável de indivíduos. Sendo assim, é necessário considerar as influências arquetípicas.

Atualmente a natureza das forças em questão pode ser melhor avaliada do que há vinte anos. Acaso não vemos como uma nação inteira ressuscita um símbolo arcaico e até formas arcaicas de religião - e como essa nova emoção transforma o indivíduo de um modo catastrófico? O homem do passado está vivo dentro de nós de um modo que antes da guerra nem poderíamos imaginar, e em última análise o destino das grandes nações não é senão a soma das mudanças psíquicas dos indivíduos? Na medida em que uma neurose é um assunto particular e suas raízes estão fincadas exclusivamente em causas pessoais, os arquétipos não desempenham papel algum. Mas se a neurose é uma questão de incompatibilidade geral, ou causa um estado de certo modo prejudicial num número relativamente grande de indivíduos, somos obrigados a constatar a presença de arquétipos. Uma vez que na maioria dos casos as neuroses não são apenas fenômenos particulares, mas sim sociais, devemos admitir geralmente a presença de arquétipos...(JUNG, 2000, p. 57)

Quando um arquétipo surge, ele nos aponta o que está sendo negligenciado em nós. Em termos sociais, é de grande importância compreender quais arquétipos estão querendo comunicar algo e, para isso, o momento histórico é muito importante. No caso de *Ponto de Partida* (1976), não podemos deixar de observar que o momento histórico em que a peça é escrita é o momento em que o Brasil está mergulhado na ditadura militar, como ressaltaremos mais adiante. Entender como essas forças influenciam nossa psique nos dá ferramentas para trilhar essa jornada de autoconhecimento. Os Arcanos do Tarô nos dão essa possibilidade e através deles podemos explorar e restabelecer a proximidade com a linguagem simbólica. Portanto, no momento, nosso material de análise frente ao *Ponto de partida* (1976) é o Tarô.

Os Arcanos maiores do Tarô nos contam uma história que é iniciada com o Arcano do Louco, de número zero, e se encerra no Arcano de número vinte e um, O Mundo, completando assim o ciclo. Essa história, que também podemos chamar de jornada arquetípica, é uma jornada que todos os seres humanos percorrem, em algum momento da vida, e carrega um caráter de autoinvestigação. Mas nem sempre foi assim. As teorias sobre a origem do Tarô, de acordo com Nichols (2007), são diversas. Alguns

acreditam que cada carta era uma fase para iniciações em cultos egípcios; outros sugerem que as cartas foram forjadas por seitas gnósticas; outros ainda afirmam que as cartas eram usadas em práticas ritualísticas de necromancia e feitiçaria. O que deixa evidente que sua origem de fato é algo que permanece como um mistério para muitos estudiosos. Retornando à proposta de Nichols, ela nos fala sobre essa investigação, comparando-a a uma longa viagem às nossas profundezas.

Uma viagem pelas cartas do Tarô, primeiro que tudo, é uma viagem às nossas próprias profundezas. O que quer que encontremos ao longo do caminho é, *au fond*, um aspecto do nosso mais profundo e elevado eu. Pois as cartas do Tarô, que nasceram num tempo em que o mistério e o irracional tinham mais realidade do que hoje, trazem-nos uma ponte efetiva para a sabedoria ancestral do nosso eu mais íntimo. E uma nova sabedoria é a grande necessidade do nosso tempo - sabedoria para resolver nossos problemas pessoais e sabedoria para encontrar respostas criativas às perguntas universais que a todos nos confrontam. (NICHOLS, 2007, p. 18)

Não por coincidência, o nosso Arcano em questão, O Louco (vide FIGURA 1), é o Arcano² que corresponde ao número zero, em outras palavras é o nosso “Ponto de Partida”, o andarilho que inicia as aventuras, as viagens, e é exatamente com esse sentimento que iremos conduzir a nossa análise sobre a personagem Dôdo.

FIGURA 1 – Arcano zero, O louco



Fonte: GODO, 2020.

“A busca como medida”

² Sallie Nichols em sua obra, *Jung e o Tarô - Uma jornada arquetípica* (2007), nos dá um Mapa da Jornada que contém as imagens dos vinte e dois Trunfos, Trunfo é o termo que a autora utiliza para se referir aos Arcanos. Para nós, será necessário conhecer apenas a figura do Arcano do Louco, nosso guia nesta empreitada .

Ao iniciarmos uma boa viagem, costumamos dizer que uma canção é sempre bem-vinda. A peça *Ponto de Partida*, escrita em 1976 por Guarnieri, é contada como fábula em apenas um ato e iniciada com a música de Sérgio Ricardo, “Ponto de Partida”, que não só dá nome à peça como também foi objeto de inspiração para sua construção. Em “Ponto de Partida”, a quarta estrofe da canção, única estrofe que se repete por três vezes (o que a concede um caráter de refrão) diz o seguinte: “Tenho para minha vida/ A busca como medida/ O encontro como chegada/ E como ponto de partida”. Esse trecho da música nos permite interpretar que o encontro contém em si o sentido de chegada e de partida, início e fim, fim para um novo começo. Em alguns baralhos, o Arcano do Louco se apresenta como número zero (começo) e em outros como número vinte e dois (fim). Ao se apresentar como o número zero, ele nos propõe sentir um movimento cíclico, visualizar uma imagem circular, ou seja, o próprio número zero.

Em alguns baralhos, como número zero, dirige as outras cartas. Em outros, confere-se-lhe o número vinte e dois, de modo que ele cerra a fila da parada dos Trunfos. Em nossa opinião, a questão de saber se o Louco é o primeiro ou o último não tem a menor importância: ele não é uma coisa nem outra, e é as duas ao mesmo tempo. Pois, sendo uma criatura em perpétuo movimento, dança através das cartas todos os dias, ligando o fim ao princípio - interminavelmente. (NICHOLS, 2007, p. 42)

A busca é o que move esse Arcano, como afirma Nichols “ O LOUCO é um andarilho, enérgico, ubíquo e imortal. É o mais poderoso de todos os Trunfos do Tarô. Como não tem número fixo, está livre para viajar à vontade, perturbando, não raro, a ordem estabelecida com as suas travessuras.” (NICHOLS, 2007, p. 39).

Embalados pela canção de Sérgio Ricardo e de mãos dadas com o Arcano do Louco, iniciamos nossa jornada em um passeio pelo cenário em que se encontra nossa personagem Dôdo. Para tal, somos orientados pelo Arcano a deixarmos para trás tudo que não é necessário para a jornada. Nesse momento, levaremos apenas o que podemos carregar em uma pequena trouxa, assim como ele faz. A pequena trouxa que o Louco (vide FIGURA 1) carrega nos lembra que não é preciso muito para dar início a uma nova jornada. Essa figura nos fala sobre o desapego que é imprescindível para que essa nova aventura traga um sentido de leveza, mas nos fala também que não podemos esquecer que cada aventura nos proporciona bagagens de conhecimento e sabedoria. Nichols pontua que “O nome do Louco em francês, *Le Fou*, cognato da palavra ‘fogo’, repete sua conexão com a luz e a energia. Como o próprio bufão poderia dizer: ‘Eu sou luz (*light*) e viajo leve (*ligh*)’.” (NICHOLS, 2007, p. 46).

Tendo dito isso, é interessante observar que, à semelhança do Louco, Dôdo, inicia uma nova jornada de sua vida, levando apenas o que pode carregar. Ele se torna pastor de cabras após perder toda a sua família. Ao retomarmos à ideia de encontro como chegada e como ponto de partida, podemos olhar para a família de Dôdo como um símbolo desse "encontro" e podemos também entender que ante sua perda inicia-se uma nova jornada com o pouco que lhe restou. Em um relato conformado e um tanto aliviado de como perdeu, para a fome, primeiro os cinco filhos e por último sua esposa, Dôdo narra como se tornou pastor de cabras. Em um trecho da peça, numa conversa com o Ferreiro, Dôdo explica:

PASTOR - Cristina foi minha Isabela, que também um dia não despertou antes do sol e ficou nos trapos, encolhida, como a segurar a alma que eu já sentia querer voar. Levei-a para junto dos cinco que era o que eu tinha e fiquei sozinho. Depois as coisas mudaram. Foi tanta coisa que aconteceu, não é? Vieram as cabras. Se as cabras tivessem vindo antes, talvez houvesse leite pros cinco, mas aí cresceriam, teriam maior tamanho e só de leite não sobreviveriam e, então, acho que foi melhor que cabras tivessem vindo depois. (GUARNIERI, 1986, p. 249)

Partindo para o início da peça, um outro ponto que podemos observar é que Dôdo é a primeira personagem a aparecer e desenrolar a primeira fala. Esse fato reforça para nós a característica do número zero, correspondente ao Arcano do Louco que, como já comentamos, é responsável pelos inícios. O cenário que motiva a primeira fala de Dôdo é a imagem do corpo de seu amigo, Birdo, enforcado em uma árvore em meio a praça da aldeia onde vive. Diante desse cenário e da ideia de primeira aparição que irrompe de maneira tão dramática, temos que voltar à compreensão do período histórico³ em que essa dramaturgia foi escrita para podermos fazer algumas observações oportunas.

A peça *Ponto de partida*, escrita por Guarnieri, nasceu em meio ao caos político de um país que estava mergulhado em uma Ditadura Militar. Em 1 de abril de 1964, a Ditadura Militar foi instaurada no Brasil e a partir de 1968, com a implementação do Ato Institucional n.º 5, conhecido como AI5, foi dado início a um dos períodos mais turbulentos da ditadura, os chamados “Anos de Chumbo”. Durante esse período muitos acontecimentos catastróficos foram se desenrolando numa crescente de violência, repressões, censuras, perseguições e assassinatos.

³ É importante salientar que não tentaremos aqui fazer um diagnóstico do período histórico, pois esse não é o nosso objetivo. Antes, as informações históricas tem como intenção, apenas, pontuar um período crítico no organismo social, que se adequa perfeitamente às características necessárias para o irrompimento arquetípico. O que se torna conveniente, pois reiteramos as bases de nossas referências ao passo que compreendemos melhor as motivações do autor da peça em questão.

O AI-5 vedou o uso do habeas corpus para crimes contra a segurança nacional – o que praticamente institucionalizou o uso de confissões extraídas mediante tortura como base para a repressão e para a instauração de processos contra os opositores do regime -, e fechou o Congresso Nacional por quase um ano, sobrepondo-se à Constituição Federal de 1967, bem como às constituições estaduais. (FILHO, 2012, p. 6)

Diante dessa realidade, podemos constatar que as artes, o incentivo à reflexão e a liberdade de expressão eram considerados uma grande ameaça ao novo regime, e por esse motivo estavam sendo reprimidos. Na definição de arquétipo de Jung (2000), quando um Arquétipo aparece de forma drástica em um momento crítico, como o citado, ele quer nos dizer algo importante que, em termos sociais, estamos reprimindo ou negligenciando, “o tipo de arquétipo que corresponde à situação é reativado, e disso resultam as referidas forças motrizes ocultas nos arquétipos que, por serem explosivas, são tão perigosas e de conseqüências imprevisíveis.” (JUNG, 2000, p.58).

Em 1975, o jornalista Vladimir Herzog, que já sofria perseguição por ser suspeito de estar envolvido com as questões do Partido Comunista, foi preso, torturado e morto. Seu corpo foi encontrado nas dependências do Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI), em uma situação que propositalmente sugeria um enforcamento; um suicídio. Fica claro, diante desse fato, que Guarniere parte deste infeliz acontecimento para compor *Ponto de partida*, escrito em 1976, utilizando como pano de fundo uma aldeia com traços medievais, para denunciar a violência e a repressão daqueles “Anos de Chumbo”.

Dado esse breve esclarecimento sobre o período histórico, podemos voltar à imagem de Dôdo prostrado diante do corpo de seu amigo. Chamamos a atenção para sua primeira fala para destacarmos dois pontos importantes. O primeiro ponto a ser destacado na fala de Dôdo é a forte ligação entre ele e Birdo: “PASTOR - Birdo! Mestre Birdo! Não brinque assim, amigo! Desça daí! Não assuste esse seu pobre irmão, se por bondade permite que o chame assim, pois jamais teríamos a mesma mãe, nem seria justo!” (GUARNIERI, 1986, p. 243). Em alguns momentos, não é possível falar de um sem citar o outro porque Birdo também carrega em sua construção aspectos arquetípicos do Louco. Através dos relatos das personagens, no decorrer da peça, nos é dado maior conhecimento sobre a personalidade de Birdo. Segundo esses relatos, Birdo era aquele que levava alegria para a aldeia com suas brincadeiras e música, que não se calava com as injustiças e estava sempre propondo reflexões à população.

Em uma comparação de Birdo com o terceiro irmão dos contos de fadas, Nichols fala sobre as qualidades de impulsividade e coragem do Louco ao decidir aventurar-se, e de como isso acaba lhe rendendo ganhos, “À semelhança do temerário terceiro irmão dos contos de fadas, que se precipita onde os anjos receiam passar e, ao fazê-lo, conquista a mão da princesa e o seu reino, a espontânea abordagem da vida levada a efeito pelo Louco combina sabedoria, sandice e desatino.” (NICHOLS, 2007, p. 40). Um pouco mais adiante, Nichols nos fala sobre o aspecto energizante do Louco e de como sem ele seríamos apenas joguetes dos acontecimentos.

O nosso louco interior nos empurra para a vida, onde a mente reflexiva pode ser super cautelosa. O que se afigura ser um precipício visto de longe pode revelar-se um simples bueirozinho quando enfocado com a volúpia do Louco. Sua energia varre tudo o que estiver à frente, levando outras criaturas de roldão como folhas impelidas por um vento forte.* Sem a energia do Louco todos seríamos meras cartas de jogar. (NICHOLS, 2007, p. 40)

Assim, ao relacionar Birdo a essas características do Louco, podemos ter uma ideia de como ele era visto pela população e de como suas ações influenciavam a vida na aldeia. E foi assim, também, que Birdo chegou ao coração de Dôdo: “PASTOR - Na minha tolice, entendo o que diz. Birdo me comovia. Ao vê-lo meu coração saltava e sabia que algo de novo chegava. Sempre uma notícia, um verso novo, uma nova indagação.” (GUARNIERI, 1986, p. 252). A ligação entre Dôdo e Birdo pode ser tida, do ponto de vista arquetípico, como complemento das ambiguidades do Louco. Em uma de suas falas, Dôdo diz que vive um dia após o outro sem grandes expectativas, isto é, conformado. Se Birdo carrega as características do Louco que o tornam tão enérgico, e de certa forma inconsequente; Dôdo, apesar de ser considerado o “louco”, mostra-se estar mais conectado com as características da inércia cautelosa proposta pelo ambiente racional.

Nichols nos fala sobre a importância de manter nosso louco interior em harmonia para que possamos explorar seu potencial transformador: “Convém-nos manter um bom relacionamento com o nosso Louco. Assim, como ele, poderemos viajar livremente de um lado para o outro entre mundos da fantasia etérea e da realidade terrena.” (NICHOLS, 2007, p. 48). A autora utiliza como exemplo, para essa combinação harmoniosa entre os opostos, a personagem Peter Pan que, nas palavras de Nichols, mantinha sabiamente sua sombra escura costurada ao próprio corpo para que ela não se perdesse ou fosse esquecida. A relação entre Dôdo e Birdo nos lembra dessa

importância. Assim como Peter Pan fez com sua sombra, é necessário fazermos com nosso pólos opostos para chegarmos ao equilíbrio.

Se dermos ao Louco as boas-vindas ao nosso mundo, ele talvez nos ensine a voar e nos ofereça salvo-conduto para viagens semelhantes ao seu mundo, contanto, naturalmente, que o ajudemos a arrumá-lo um pouco. Está visto que ele precisa do nosso intelecto ordenado na sua Terra do Nunca-Nunca tanto quanto nós precisamos da sua vitalidade e criatividade em nossa Terra do Sempre-Sempre. (NICHOLS, 2007, p. 48)

O segundo ponto que podemos observar na primeira fala de Dôdo é que, logo de início, ele mesmo se compreende como louco. Fato recorrente que podemos constatar ao longo de suas falas: “ PASTOR - ... Desça, mestre, desça! Senão, acabo acreditando em minhas visões - sonhos malditos, de louco que sou! Desça e mostre a inverdade de meus pesadelos! Desça, mestre!...” (GUARNIERI, 1986, p. 243). O curioso nas afirmativas de Dôdo, sobre sua condição de “louco” não é apenas o fato de que ele mesmo assume essa condição, mas também o que o leva a essa conclusão. Desde o momento em que se tornou pastor de cabras, ele passa a maior parte de seu tempo em cima dos montes, onde tem uma visão privilegiada da aldeia. Em uma conversa com o Ferreiro, Dôdo relata algumas de suas experiências:

PASTOR - ... Eu e elas, sozinho, pela trilha dos montes, olhando longe, sentindo o vento, o rio, os gritos da aldeia, os tiros, os gemidos, o sangue, os raros risos, de longe, ao vento, junto ao monte; tendo visões de fraqueza e loucura, pois sou doido que Dôdo me chamam e com razão (GUARNIERI, 1986, p. 250).

Dôdo não chega sozinho à conclusão de que é doido. Antes, sua condição é uma construção que vai sendo reafirmada pelo juízo que a população da aldeia faz dele. O que se pode entender é que antes de aceitar o julgamento que lhe é conferido ele não se via como louco, mas passou a acreditar em sua loucura por meio da insistente confirmação da população. Claro que se havia alguma predisposição patológica, e não podemos descartar a possibilidade, ela foi alimentada pelo coletivo. Durante a peça, isso vai ficando cada vez mais evidente. Assim como também não podemos deixar de levar em consideração a vista privilegiada que Dôdo tem, de cima dos montes, e que lhe permite ter acesso a acontecimentos que nenhuma outra pessoa da aldeia poderia ter.

Nichols nos lembra de algumas qualidades úteis que podemos observar no famoso bobo da corte que, diga-se de passagem, era responsável por várias funções que iam além do puro entretenimento. Ser espião do rei era uma delas, “Agir como espião do rei, com efeito, era uma função importante do bobo da corte. Personagem privilegiado, o louco podia misturar-se facilmente a qualquer grupo que estivesse

metendo o nariz onde não era chamado ou mexericando e avaliando a situação política.” (NICHOLS, 2007, p. 39). Sabemos que Dôdo não era nenhum espião ou coisa parecida, longe disso. Mas o que podemos observar é que os montes onde Dôdo passa a maior parte de seu tempo lhe proporcionam o privilégio de algumas informações, assim como o título de louco lhe confere algumas vantagens, a depender da situação. Dessa maneira, podemos considerar que é possível que ele tenha testemunhado atos tão absurdos, provavelmente violentos, que fizessem ele mesmo questionar a veracidade do que via. É aqui que começa o nosso dilema sobre a sua real condição mental. Podemos constatar em algumas das falas de Dôdo que ele faz questão de reforçar que ele é doido porque assim o chamam. Em seu depoimento para D. Félix, Dôdo explica como esqueceu o próprio nome:

PASTOR - Em verdade vos digo, senhor. Faz tanto tempo que fui batizado e tão raras vezes, depois, fui chamado que já não me lembro de nome, senhor. Atendo por apelido que me foi dado: Dôdo, senhor, que vem de Dôdo, digo, doido, talvez por não ser realmente certo ou, pelo menos, não afeito a estas coisas que se chamam normalidade, que para tal também é preciso ter talento, senhor; e aqui declaro não ter talento algum. (GUARNIERI, 1986, p. 260)

É pertinente considerar a hipótese de que a descrença nas “visões” de Dôdo pode ter sido incentivada por conveniência, visto que diante da normalidade estabelecida consensualmente, não era interessante que alguém como Dôdo colocasse em cheque as normas estabelecidas, ao revelar, com suas “visões”, a realidade oculta para os demais (Vale lembrar que um dos impulsos do Louco, já citado, é o de perturbar com frequência a ordem estabelecida com suas travessuras; travessuras que aqui seriam as “visões” de Dôdo). A efeito dessa conveniência, muito mais acertado seria a ideia de isolar a ameaça. O isolamento de Dôdo se dá através de sua reputação de louco, lhe garantindo descrédito, assim como da função que lhe é dada, pastor de cabras, garantindo assim que o indivíduo indesejado se mantenha distante do convívio social. Uma vez considerado louco, é bom que se mantenha distante, pois não está dentro dos padrões da normalidade que foi estabelecida.

Nossa personagem Dôdo pode ser um exemplo de como o comportamento coletivo pode influenciar fortemente o indivíduo ao proporcionar um ambiente de incompatibilidade geral. Assim como o bobo da corte, O Louco tem a liberdade de dizer e fazer o que lhe dá na telha, a sua condição permite que o faça sem maiores consequências. No caso de Dôdo, isso não acontece porque seu impulso foi reprimido, e talvez esse fato explique a origem de suas “visões” que, se antes eram pura constatação

da realidade, passaram a ser uma confusão entre realidade e fantasia. Nichols nos fala de como os aspectos discordantes do Louco podem criar pontes entre o caos e a ordem.

Suas cores variegadas e o seu desenho fortuito parecem indicar um espírito discordante: no entanto, dentro daquele caos aparente, discerne-se um modelo. Dessa maneira, o Louco se apresenta como ponte entre o mundo caótico do inconsciente e o mundo ordenado da consciência. (NICHOLS, 2007, p. 44).

Seguindo a lógica da citação acima, passamos para um dos aspectos que liga o Arcano do Louco e Dôdo ao inconsciente. A figura animal sempre foi relacionada ao campo dos instintos que, por sua vez, está ligado ao inconsciente. É comum observar que em vários Tarôs o Louco está acompanhado da figura de um cachorro (vide FIGURA 1). Isso indica a forte ligação entre o Louco e seu lado instintual. Nichols menciona que se acreditava que assim como o cachorro do rei, o Louco também era visto como propriedade do soberano e que por estarem sempre juntos seguindo seu dono aonde quer que ele fosse, estabeleceram uma forte ligação que, de certa maneira, os tornava irmãos. Podemos dizer que o cachorro está para o Louco assim como nossos instintos estão para nós, ao nos alertar sobre possíveis situações de risco. Como exemplo podemos observar na carta do Louco retratada por Waite (FIGURA 2) o pequeno cãozinho tentando alertá-lo do abismo que aparece logo à sua frente. Continuamos, então, com as observações de Nichols onde ela pontua que:

De qualquer maneira, o Louco se acha em tão estreito contato com o seu lado instintual que não precisa olhar para onde vai no sentido literal: sua natureza animal guia-lhe os passos. Em algumas cartas do Tarô o Louco é retratado como se tivesse os olhos vendados, o que lhe enfatiza ainda mais a capacidade de agir antes por intuição do que pela visão, utilizando a sabedoria intuitiva em lugar da lógica convencional. (NICHOLS, 2007, p. 40)

FIGURA 2 – O Louco de Waite



Fonte: SMITH, 2011.

Para nossa surpresa, ou nem tanto, Dôdo nos revela ter um cachorro. O único momento em que a figura do cão é citada é justamente para relatar a sua fuga. Em um instante, temos a nossa personagem convertida literalmente na figura do Louco, através da ideia de seu cão, e quase que no mesmo instante a vemos declarar o distanciamento do seu aspecto instintual, “PASTOR - Partiu-se a corrente da coleira do meu cão. Estou a procurá-lo. Viu-se livre e fugiu, como eu gostaria de fazer.” (GUARNIERI, 1986, p. 271). Ao observar a fala seguinte de Dôdo, logo após o relato da fuga de seu cão, percebemos uma maior tendência para a racionalidade, posto que, de maneira nitidamente ponderada, ele alerta e aconselha o Ferreiro a não tomar nenhuma atitude impensada, no que diz respeito à morte de seu filho Birdo, que possa ir de contra as normas estabelecidas. Essa tendência também nos mostra o quão lúcido Dôdo está sobre os fatos que se sucedem; sobre como funciona a lógica de organização de sua aldeia; e sobre a posição que ele ocupa diante disso. De certo modo, a fuga do cão pode simbolizar um parêntese que é aberto para que Dôdo tenha um breve momento puramente consciente: “PASTOR - A verdade verdadeira já não tem mais importância. Tudo tem de ser como querem que seja. Não posso ser-te útil. Conserta a corrente. E ouve, eu no teu lugar faria o que te aconselham. Usa a cabeça, amigo” (GUARNIERI, 1986, p. 271). Talvez esse parêntese tenha sido aberto, também, para que nós, leitores, tenhamos maior discernimento, diante do nosso dilema anterior, sobre a condição mental de nossa personagem.

Existe também, uma espécie de sabedoria que ecoa na fala de Dôdo, principalmente, quando ele sugere a irrelevância da “verdade verdadeira”. O que nos lembra uma fala muito bem pontuada pela própria Loucura na obra *Elogio da Loucura*, do autor Erasmo de Rotterdam, que diz que “Tudo na vida é tão obscuro, tão diverso, tão oposto, que não podemos certificar-nos de nenhuma verdade.” (ROTTERDAM, 2006, p. 64) e mais adiante, ainda na mesma página, a Loucura continua, “Os homens, enfim, querem ser enganados e estão sempre prontos a deixar o verdadeiro para correr atrás do falso.” Estas podem ter sido possíveis considerações feitas pela nossa personagem, Dôdo, quando expressa tal sabedoria em sua fala. Sabemos que o símbolo da ligação de Dôdo com seu inconsciente fugiu, mas não podemos esquecer que ele é um pastor de cabras, evidenciando que na maior parte de seu tempo ele está, de fato, em contato com seu lado instintivo que, neste caso, é simbolizado pelas cabras. Mesmo

mantendo seu cão, aparentemente, sempre na coleira, sabemos que as cabras estavam sempre livres para perambular pelos montes.

Um outro aspecto que evidencia a relação de Dôdo com seu inconsciente, e que facilmente poderia passar despercebido, é o lado de sua palhoça em que ele afirma dormir (o lado esquerdo). Nichols diz que o lado direito está tradicionalmente ligado à direção da consciência e o lado esquerdo, por sua vez, está ligado à direção do inconsciente. Quando Nichols menciona o Tarô Aquariano, um Tarô contemporâneo, ela destaca a direção para qual o Louco está voltado (lado esquerdo) e explica que diferente de outros baralhos onde o Louco volta-se para o lado direito, indicando a evolução da consciência através da experiência externa, o Louco Aquariano voltado para o lado esquerdo nos indica o impulso de explorar o mundo interior dos sonhos e das visões. Por ser um Tarô contemporâneo, talvez ele esteja querendo nos apontar uma carência específica de nossos dias, que seria um maior interesse pelas questões que permeiam nosso inconsciente. O Louco Aquariano, contemporâneo e voltado para as questões do inconsciente, carrega a sabedoria daquele que nos proporciona uma nova perspectiva, um novo olhar. Provavelmente ele já lidou com as questões externas, ou tais questões simplesmente não despertam seu interesse, e agora se aprofunda nos temas que envolvem as mais profundas questões do eu. Nos aproximamos, assim, do final da nossa análise abraçando a ideia de um novo olhar, sugerida pelo nosso contemporâneo, Louco Aquariano, para lançar nossa atenção novamente à ideia do zero, mas desta vez explorando uma outra perspectiva. Nichols nos fala de como o conceito de zero era desconhecido do mundo antigo e de como seu surgimento foi fundamental para ampliar a maneira de pensar do homem.

O conceito de zero, desconhecido do mundo antigo, só apareceu na Europa a partir do século XII. O descobrimento desse “nada” ampliou de maneira importante a capacidade de pensar do homem. Praticamente, criou o sistema decimal e, filosoficamente, concretizou o assombroso paradoxo de que o “nada” é realmente alguma coisa, ocupa espaço e contém poder. Afigura-se apropriado que o zero tenha sido atribuído ao Louco. (NICHOLS, 2007, p. 53)

A trama da peça *Ponto de Partida* (1976) é conduzida em torno do mistério que envolve a morte de Birdo. Não se sabe ao certo se Birdo foi assassinado ou se cometeu suicídio. Mas fica claro para nós que Dôdo, através da sabedoria de suas “visões”, detém as informações necessárias para dar fim ao caso, e assim ele o faz. Para chegarmos a um determinado fim, precisamos sempre passar por um processo. O desfecho ideal, proposto pelo Arcano do Louco, é a conquista da sabedoria do Arcano

número vinte e um do Tarô, O Mundo, que encerra a fila da parada dos Trunfos. A jornada arquetípica proposta pelo Tarô passa por todos os vinte e dois Arcanos e pode ser comparado a nossa própria trajetória de vida partindo da infância, seguindo para o desenvolvimento e atingindo a velhice. Quando o Louco atinge essa sabedoria ele completa o ciclo da jornada.

O homem está intimamente ligado ao movimento circular em cada segundo de sua vida através do padrão de sua respiração e do fluir da sua corrente sanguínea. A jornada da nossa vida também é circular, visto que partimos da intuição inconsciente da infância, passamos pelo conhecimento e voltamos à percepção intuitiva, que é a sabedoria da velhice. (NICHOLS, 2007, p. 53)

“O encontro como chegada”

Ao trazer para nós a ideia de círculo, Nichols usa como exemplo a serpente Uroboros, que devora a própria cauda, “Sua forma circular representa o estado original da sua natureza inconsciente, o ventre primevo antes da criação dos opostos e o estado de inteireza, a união dos opostos, desejada no fim da jornada” (NICHOLS, 2007, p. 56). Podemos concluir com esta análise que através da personagem Dôdo como Louco arquetípico, temos a oportunidade de ampliar a nossa visão. À semelhança da importância que tem o surgimento do conceito de zero para a humanidade, a existência da personagem Dôdo para a peça *Ponto de Partida* (1976) torna-se fundamental, pois é ele quem revela o que está oculto para os demais quando, a partir de sua construção, torna-se o portador da verdade e nos tira da condição de meras “cartas de jogar”. Especialmente quando nos confidencia que a “verdade verdadeira” não tem importância. Nichols diz que “... o número sob o qual ‘nasce’ uma carta projeta luz sobre o seu caráter e o seu destino.” (NICHOLS, 2007, p. 53). Sob a luz do número zero, caminhamos para o fim da nossa jornada um pouco mais conscientes desse arquétipo e com a nossa pequena trouxa recheada com a sabedoria necessária para dar as boas vindas ao nosso louco interior.

Referências

FILHO, João Batista do Nascimento. **Crimes da ditadura militar: a saga de vladimir herzog**. Revista Eletrônica Direito e Política, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciência Jurídica da UNIVALI, Itajaí, v.7, n.3, 3º quadrimestre de 2012. Disponível em: <<www.univali.br/direitoepolitica>> - ISSN 1980-7791

GODO, Carlos. **O Tarô de Marselha**. Editora pensamento, São Paulo: 2020

GUARNIERI, Gianfrancesco. Ponto de partida. In: PRADO, Décio. **O Melhor Teatro de Gianfrancesco Guarniere**. Global Editora, São Paulo : 1986.

JUNG, Carl Gustav, 1875-1961. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo** / CG. Jung ; [tradução Maria Luíza Appy, Dora Mariana R. Ferreira da Silva]. Petrópolis, RJ : Vozes, 2000.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o tarô : uma jornada arquetípica** ; [tradução Octavio Mendes Cajado]. São Paulo : Cultrix, 2007.

ROTTERDAM, Erasmo de. **Elogio Da Loucura**. [tradução: Alex Marins] Martin Claret, São Paulo: 2006.

SMITH, Pamela Colman; WAITE, Arthur. **O Tarô ilustrado de Waite**. Artha Editora, Porto Alegre: 2011.